

12-01-2023

## Teorias para uma lágrima que não caiu

**Eguimar Felício Chaveiro**

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente  
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Eu gosto de futebol. Gosto tanto que participo de um concurso estético. Chico Buarque de Hollanda considera o sem-pulo de canhota fora da área a jogada mais bonita que existe; o poeta mineiro Joaquim Pedro Barbosa prefere o contra-ataque, a revoada harmônica e coletiva em alta velocidade. Um filósofo de estirpe clássica, Ged Guimarães, elegeu a matada no peito, seguida de um chute no ângulo, o que é venerável, sempre venerável. O meu primo Toninho teve sensibilidade. Quando Romário, maroto e macunaímico, entrava na pequena área, esperava o goleiro arremessar o passo e, no contrapé do goleiro, lançava a bola de “bicudinha” no canto, sempre com o peito estufado ... sacramentava-se ali a nobre arte. O meu primo o predicava: “genial”. O mesmo se procedia com a folha seca de Didi para o jornalista Jânio José, menos talvez que a referência de Vinicius de Moraes a Garrincha. Vinicius, poeta boêmio, um botafoguense, amante do drible, da ginga, da poesia torta das pernas infernais. Arte sem alegria e sem transgressão não dá! Eu tenho a minha preferência. Certamente pela minha geração elegi Falcão como um paradigma da estética futebolística, antecedido por Gerson de igual maestria. Ambos, em tempos diferenciados, o primeiro com a direita e o segundo com a canhota, transformavam o meio-campo num desfile de moda. Futebol e elegância se traduziam numa espécie de governo territorial a partir de passes desferidos com a cabeça erguida. Messi usa cartola na canhotinha. Na indústria total do jogo, Ele é a refinaria. .... Pois bem! ..... Gosto de futebol. .... Gosto da estética do futebol, mas não verti nenhuma lágrima pela morte do Pelé. Eu mesmo me assustei pela lágrima não se fazer ainda que apenas interiormente. Quis, de imediato, entender a verdade da minha sensação. Inicialmente, pensei que as entrevistas anteriormente vistas de sua filha relegada; de seus netos implorando por um abraço; por ele mesmo ter dito que abandonou a educação dos filhos; e por alguns colegas de time proclamarem que, fora do campo, o rei não quis nenhuma relação com os colegas, haviam se misturado na minha representação. Havia embolado o jogo do meu sentimento.

Depois, pensei que a negativa de se empenhar na luta contra o racismo estrutural, o alinhamento midiático com o mundo da imagem e a quase nula responsabilidade com a desigualdade social, com a pobreza e com a fome no Brasil, Ele, proveniente do mundo pobre, tinha também se evocado nas minhas representações sentimentais.

Posteriormente, imaginei que os estudos que fiz, juntamente com o meu amigo Rosivaldo Almeida, especialmente os que argumentam que toda histeria coletiva, ou seja, que toda a emoção massificada tende a transformar a carência num negócio exitoso das personalidades autoritárias, caberia para o evento do cortejo fúnebre de Pelé. Além da sua morte, dorida e triste, a espetacularização fúnebre estava sendo gestada para cooptar a emoção carente e desregulada de muitos brasileiros. Isso era repudiado pelo meu inconsciente. Pensei ainda que as mortes de Rolando Boldrin e Gal Costa não suscitaram devidamente a sua importância cultural no país. Enquanto Boldrin tornou-se um pesquisador do cancionário nacional e um divulgador da cultura popular do país, Gal elevou, no agudo, a potência tropical. Magnífica e genuína arte. Detive-me em perscrutar a morte do Pedro Paulo Rangel, um dos atores de minha preferência. Com gestos úmidos e olhar forte, com a voz manhosa e docemente afável, mas com impoluta resolução, o ator tomava conta das cenas. Mesmo na TV - e em novelas - explicitava a dramaticidade densa do teatro. A sua alma dançava em todos os movimentos das personagens que representava. As mil pessoas de Jung moravam no peito de Pedro e dele saíam nas personagens plebeias e escoraçadas. ....Não fiquei convencido de minhas teorias.... Pelé, o rei etíope, o divino de peito empinado, no dizer de Nelson Rodrigues, é um personagem mundial do maior esporte do mundo.... Mas a minha cabeça estava em Boldrin, Gal, Pedro e também em Nélide Piñon, culta, gentil, ágil e criativa. Como sempre diz a minha amiga Daisy Luzia, o nosso coração cristão, incluindo o dos ateus, resignam-se na morte do Outro - e devem se resignar. Mas como já foi bastante pesquisado na psicanálise e na literatura, existem várias mortes: a do corpo, a do símbolo e a da memória.

Vou ainda tabelar com Pelé.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*